
Cinema, trabalho e desigualdade: uma análise da presença de mulheres no cinema em Santa Maria¹

Daiane Teresa Bedin²
Carla Juliana Nunes Oelsner³
Jessica Tavares de Souza⁴
Universidade Federal de Santa Maria, UFSM

RESUMO

A pesquisa investiga a divisão sexual do trabalho no festival Santa Maria Vídeo e Cinema com base nas autoras Flávia Biroli, Danièle Kergoat e Helena Hirata. Metodologicamente, realizamos um levantamento quantitativo de vencedores e vencedoras das categorias de Melhor Vídeo/Melhor Curta, Direção, Direção de Fotografia e Direção de Arte. Os resultados evidenciam a sub-representação das mulheres nas principais categorias, destacando a necessidade de discutir a desigualdade de gênero no cinema brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; divisão sexual do trabalho; gênero.

INTRODUÇÃO

O cinema é responsável por produzir e reforçar imaginários, tendo um papel histórico nas representações sociais que estruturam a sociedade. Entendemos o cinema como parte fundamental na manutenção de ideais sobre as identidades de mulheres. Como Ana Carolina Escosteguy afirma, a mídia participa ativamente da produção de sentidos do que é ser mulher (Escosteguy, 2020, p. 13). Ela não é apenas uma reprodutora de estereótipos, mas produtora. Assim, é necessário investigar quais relações existem no âmbito da produção do cinema em busca de entender como elas se dão. Observar quem está nos bastidores é relevante para refletir sobre a presença feminina nas equipes de cinema.

Portanto, elencamos como objetivo deste trabalho a análise e discussão sobre divisão sexual do trabalho a partir do mapeamento de vencedores e vencedoras do Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC). Partimos do conceito de divisão sexual do trabalho por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM). E-mail: daiane.bedin@acad.ufsm.br

³ Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM). E-mail: juliana.oelsner@acad.ufsm.br

⁴ Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM-UFSM). E-mail: souza.jessica@acad.ufsm.br

Flávia Biroli (2018), Danièle Kergoat e Helena Hirata (2007), articulando-o com o funcionamento da indústria cinematográfica, para então analisar os dados das categorias de Melhor Vídeo/Melhor Curta, Melhor Direção, Melhor Direção de Fotografia/Fotografia e Melhor Direção de Arte do festival.

Santa Maria é um reconhecido polo cultural do estado do Rio Grande do Sul. A cidade figura como uma das mais importantes da região central do estado e possui uma história significativa no contexto do cinema brasileiro. A partir dos anos 1950, o movimento cineclubista começa a movimentar a cidade e impulsionar o desenvolvimento do audiovisual em produções e exposições organizadas em festivais. Surge então o SMVC, criado em 2002 por Luiz Alberto Cassol, cineclubista e cineasta cuja obra atravessa a história da cidade. O festival nasce com o objetivo de democratizar e popularizar o cinema na região. Atualmente, ele se mantém pelo patrocínio vindo de editais públicos de fomento e outras formas de financiamento público e coletivo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apesar de as mulheres constituírem mais da metade da população brasileira, dados do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) mostram que, nos filmes de maior bilheteria entre 2002 e 2012, só 13% foram dirigidos por mulheres e 26% roteirizados por elas. Desse grupo, nenhuma é negra. Isso nos leva a refletir que o cinema brasileiro é branco e masculino e não representa a pluralidade da população do país.

Os dados acima evidenciam como gênero e raça definem cargos e ocupações dentro da indústria cinematográfica. Nesse sentido, utilizamos o conceito de divisão sexual do trabalho para pensar como, a partir de determinismo biológico, tarefas e aptidões são separadas entre homens e mulheres, reforçando, historicamente, uma desigualdade social atrelada ao gênero, que faz parte de um cenário de dominação e exploração. Para Danièle Kergoat e Helena Hirata (2007), os papéis adquiridos por homens e mulheres na sociedade são fruto de relações sociais historicamente construídas. Essa perspectiva é contrária à noção biológica dos sexos, na qual as aptidões são definidas por natureza. A divisão sexual do trabalho está ligada também à necessidade da reprodução social que mantém o sistema capitalista, na qual o trabalho de cuidado das mulheres é fundamental.

Para Flávia Biroli (2018), a posição das mulheres nas relações de trabalho está no centro das formas de exploração do patriarcado. Tal exploração se dá de diversas maneiras, como através do trabalho doméstico não remunerado, do trabalho remunerado e também

das relações de poder nas sociedades contemporâneas (Biroli, 2018; Federici, 2018). Biroli (2018, p. 22) assinala ainda que a divisão se dá em conjunto com posições de classe e raça. Assim, camadas de exploração se interseccionam na determinação de hierarquias de trabalho, tanto entre homens e mulheres, quanto entre mulheres e outros grupos, considerando classe e raça. Por isso, ao se pensar nessas questões, é fundamental considerar os diferentes marcadores sociais.

Na indústria cinematográfica, as separações público e privado, trabalho criativo e burocrático, e artístico e organizacional ocorrem de forma velada e são muito perpetuadas. Um estudo realizado pela Agência Nacional de Cinema (Ancine) mostrou que, de 142 longas-metragens lançados comercialmente em salas de exibição, 62% da equipe dos filmes foi composta por homens e 75,4% foram dirigidos por homens brancos. Neste estudo, apenas os números de produção executiva ultrapassaram os homens, com 36,9% das funções ocupadas por mulheres brancas e 26,2% por homens brancos. As categorias de direção e de produção executiva não foram ocupadas por nenhuma mulher negra individualmente. A pesquisa acima demonstra como existe uma desproporção nas tarefas e funções na indústria entre homens e mulheres, mas também entre pessoas brancas e negras.

Além dos dados da Ancine (2018) e do GEMAA (2016), pesquisas como as de Karla Holanda (2020), Luiza Lusvarghi e Camila da Silva (2019) e de Karla Holanda e Marina Tedesco (2017) mostram como se dá a divisão sexual do trabalho no cinema brasileiro. As bibliografias básicas dos cursos de cinema e audiovisual não abordam essa divisão nem os diferentes pesos das funções, mas as pesquisas já citadas demonstram isso.

Daiane Bedin (2023) relata que a estrutura de uma produção audiovisual passa por uma hierarquização do poder, a qual se espera que seja seguida. A hierarquia pode ser entendida por formas de poder ligadas às funções (como as direções de departamento e assistências de função) e à lógica do mercado (pela produção executiva e as relações com a produção e distribuição da obra). Entretanto, Bedin propõe uma terceira forma de poder: o gênero, pelo estabelecimento de funções específicas às mulheres (Bedin, 2023, p. 11).

AS MULHERES NO SANTA MARIA VÍDEO E CINEMA

Para contribuir com o debate proposto neste trabalho e com a pesquisa no campo do cinema no Rio Grande do Sul, realizamos um levantamento quantitativo das vencedoras e vencedores nas categorias de Melhor Vídeo/Melhor Curta, Melhor Direção, Melhor Direção de Fotografia/Fotografia e Melhor Direção de Arte nas mostras regionais do Santa

Maria Vídeo e Cinema. Os dados foram obtidos através de documentos cedidos pela organização do festival, que continham informações como nome do filme e nome da vencedora ou vencedor por categoria. Para complementar as informações, realizamos buscas pelas fichas técnicas disponíveis nas plataformas Portal Curtas e IMDB.

Nas categorias competitivas, o festival aceita apenas curtas-metragens. Esse formato é muito difundido, principalmente quando falamos da circulação de cinema independente, sendo um ativo importante na construção das carreiras dos profissionais do audiovisual. As mostras do SMVC são divididas em nacional, na qual concorrem filmes de todo o país, e regional, que aceitam filmes de Santa Maria e região. O festival tem grande relevância nessa região por colocar em evidência filmes, produtoras e profissionais que atuam principalmente no interior. Diante disso, justifica-se a escolha das mostras regionais no presente trabalho, pois os curtas-metragens são a porta de entrada para o mercado audiovisual, especialmente para as mulheres que buscam se inserir nesse meio.

Analisando os curtas-metragens sob o viés de gênero, destacamos dois contrastes principais: para as mulheres, trabalhar em curtas-metragens é uma possibilidade de crescer no mercado cinematográfico e de obtenção de reconhecimento. Por outro lado, apesar de as mulheres conseguirem ocupar outras funções - geralmente tidas como masculinas - o curta-metragem tende a ser considerado menos importante se comparado ao cinema comercial de grande proporção em número de custos e público. Ainda assim, a disparidade de gênero nos curtas-metragens revela que as mulheres são minoria em espaços como as premiações consagradas do estado, como é o caso Santa Maria Vídeo e Cinema.

A primeira categoria analisada foi a de Melhor Vídeo/Melhor Curta. Presente em todos os anos de realização do festival, a categoria é uma das mais prestigiadas pois premia, dentre todas as categorias, o melhor filme. Entre os anos de 2003 e 2023, o festival premiou quatro produções dirigidas por mulheres: em 2005, 2007, 2019 e 2021. A análise das vencedoras e vencedores do festival revela uma significativa disparidade de gênero, evidenciando a ausência de mulheres na direção das produções, já que apenas 26,67% das obras foram dirigidas por mulheres, enquanto 73,33% foram dirigidas por homens. Dessas produções, todas foram dirigidas por mulheres brancas.

As categorias de Melhor Vídeo/Melhor Curta e Melhor Direção são consideradas as mais importantes e aguardadas em uma premiação. O filme é prestigiado e alcança uma maior distribuição ao ganhar a categoria principal, e a direção é validada pelo seu cerne criativo, artístico e técnico.

A análise de vencedoras e vencedores da categoria de Melhor Direção na Mostra Regional entre 2003 e 2023 revela uma presença ainda menor de mulheres em comparação à categoria de Melhor Vídeo/Curta. Apenas duas mulheres foram premiadas, uma em 2005 e outra em 2007, representando apenas 12,5% do total de diretores premiados.

A categoria de Melhor Direção de Fotografia/Fotografia exhibe dados ainda mais escassos quanto à premiação de mulheres fotógrafas. Aqui surge um perfil interessante para observação: em todos os anos em que a categoria foi realizada, apenas uma mulher esteve entre as premiadas (2021), representando apenas 6,67% do total, enquanto 93,33% dos vencedores foram homens. Além disso, a premiação integra o que chamamos de direção mista, quando mais de uma pessoa assina o trabalho artístico.

A última categoria analisada é a de Direção de Arte. Juntamente com a direção e a direção de fotografia, compõe o que chamamos de tripé da visualidade. São as funções que, juntas, operam na construção da linguagem visual do filme. Também são consideradas, a partir dessa perspectiva, funções com prestígio e poder visual e narrativo.

A análise dos vencedores da categoria de Melhor Direção de Arte revela uma presença significativa de mulheres em comparação com as outras categorias analisadas. Dos 15 vencedores, 10 foram mulheres ou equipes que incluíam mulheres. Isso representa 66,67% do total de diretores de arte premiados, enquanto 33,33% dos vencedores foram homens. Destas, também temos a predominância de mulheres brancas.

Ao pensarmos a Direção de Arte por um viés de gênero, vemos a diferença da participação de mulheres nessa categoria. A partir dessas considerações, perpetua-se a ideia de que as mulheres geralmente ocupam lugares inerentes a elas no cinema: supostamente interessam-se pela direção de arte, centradas nas atividades de figurino e maquiagem e também pela produção, que tem uma função organizacional que envolve logística, cuidado e alimentação. Observando os dados, pode-se afirmar que esses espaços são um lugar-comum em relação aos cargos que as mulheres ocupam, sobretudo por essas tarefas não serem associadas, pelas convenções sociais, ao esforço físico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados mostram que as mulheres representam cerca de 28% dos vencedores das categorias analisadas, e, dessas, não foram identificadas mulheres não brancas. A partir destas observações, foi possível discutir como as complexas relações de gênero e raça se engendram no mercado de trabalho cinematográfico, no qual as mulheres estão em

constante tensionamento de gênero em relação às suas escolhas e oportunidades. A perspectiva de mudança deste cenário requer uma abordagem coletiva e sistêmica, que envolva o mercado, as instituições de ensino, governos e a sociedade em geral. É fundamental investir em programas de capacitação para mulheres em áreas técnicas e criativas, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para competir em um ambiente historicamente dominado por homens brancos. Também é imprescindível que as políticas públicas de incentivo ao audiovisual sejam efetivas e garantam às mulheres - principalmente as mulheres negras - a oportunidade de acesso aos incentivos públicos e ao exercício de suas obras, a fim de construir carreiras e reafirmar memórias através do cinema.

REFERÊNCIAS

BEDIN, Daiane Teresa. **Sob as lentes da equidade: gênero e trabalho na produção cinematográfica gaúcha**. 2023. 34 f. TCC (Especialização) - Curso de Especialização em Estudos de Gênero, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho. In: _____. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto; CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. **"A Cara do Cinema Nacional": gênero e raça nos filmes nacionais de maior público (1995-2014)**. In: Textos para discussão GEMAA, n. 13, 2016, pp. 1-20.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. Estudos culturais feministas: a importância de afirmar uma nomeação. **Líbero**, São Paulo, v. 26, n. 46, p. 10-25.

FEDERICI, Silvia. **Revolucione en punto cero**. Trabajo domestico, reproduccion y luchas feministas. Buenos Aires, Tinta Limon Ediciones, 2018.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. (Org) Novas configurações da Divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HOLANDA, Karla. Por que não existiram grandes cineastas mulheres no Brasil? In: **Cadernos Pagu**, n. 60, p. 2-21, 2020.

HOLANDA, Karla. TEDESCO, Marina Cavalcanti. (Org). **Feminino e Plural, mulheres no cinema brasileiro**. Papirus Editora. Campinas, 2017.

LUSVARGHI, Luiza. SILVA, Camila Vieira da. (Org). **Mulheres atrás das câmeras - as cineastas brasileiras de 1930 a 2018**. Estação Liberdade. São Paulo, 2019.